

QUADRINHOS VISIONÁRIOS DE SERGIO MACEDO

Matheus Moura Silva.¹

RESUMO: Este artigo trata da vida e obra do autor brasileiro de quadrinhos Sergio Macedo. O intuito é resgatar a obra do artista, uma vez que a maioria dela é inédita no Brasil. São edições originalmente publicadas na França, bem como na Alemanha, Inglaterra, Itália, EUA, dentre outros países. Além do registro histórico, o intuito maior da pesquisa é analisar o trabalho de Macedo em busca de identificá-lo como um artista visionário. O termo Arte Visionária, com o qual trabalho, deriva do Manifesto da Arte Visionária, escrito por Laurence Caruana (2013). Basicamente, se refere às poéticas derivadas das visões de Estados Não Ordinários de Consciência – ENOC. No tratado, o artista relaciona diversos tipos de visões e sentimentos que podem ocorrer com quem se aventura pelos ENOC. Desta matéria-prima o artista busca materializá-la utilizando da linguagem que lhe cabe. No caso de Macedo são os quadrinhos. As histórias produzidas pelo autor estão repletas de visões de ENOC obtidas por diversas formas. Em alguns casos a trama das HQs são determinadas por visões. O método utilizado para a investigação foi por meio de análise dos trabalhos a partir dos processos criativos, com informações coletadas em entrevistas diretas com Macedo ou publicadas em outros meios.

Palavras-chave: processos criativos; visões; arte visionária; ENOC

ABSTRACT: *This article deals with the life and work of Brazilian comic author Sergio Macedo. The intention is to rescue a work of the artist, since most of it is unpublished in Brazil. They are editions originally published in France, as well as in Germany, England, Italy, USA, among other countries. Besides the historical record, the main purpose of the research on the work of Macedo is to identify him as a visionary. The term Visionary Art, with which I work, Derivative of the Manifesto of Visionary Art, written by Laurence Caruana (2013). Basically, the poetics derived from the visions of Non-Ordinary States of Consciousness - NOSC. In the treatise, the artist relates several types of visions and feelings that can occur with those who adventure through the NOSC. From this raw material the artist seeks to materialize the use of the language that fits him. In the case of Macedo are the comics. The stories produced by the author are replete with views of NOSC obtained in various ways. In some cases and plot of the comics are seen by visions. The method used for research was through analysis of the works from creative processes, with information collected in direct interviews with Macedo or published in other media.*

Keywords: *creative process; visions; visionary art; NOSC*

¹ Mestre em Arte e Cultura Visual (PPGACV-FAV/UFG) com pesquisa sobre processos criativos e quadrinhos. Atualmente cursa doutorado na mesma instituição a investigar a relação entre quadrinhos e estados não ordinários de consciência. Desde 2008 publica a revista Caminho di Rato, atualmente na nona edição. Editou a revista A3 Quadrinhos (2010) e a graphic novel O.R.L.A.: Liberdade aos Animais (2014), ambas sob financiamento do Programa Municipal de Incentivo a Cultura de Uberlândia (MG). saruom@gmail.com

O autor

Sérgio Macedo (1951), mineiro de Além Paraíba, é um dos quadrinhistas brasileiros mais conhecidos no mundo, principalmente na Europa. Por outro lado, no Brasil é praticamente anônimo. Possui apenas três trabalhos publicados no país, *O Karma de Gaargot* (1973), *Xingu!* (2007) e *Povos Indígenas em Quadrinhos* (2012) – uma ínfima parte do total de álbuns lançados no exterior. A ausência de Macedo em terras tupiniquins se deve à mudança para França em 1974, onde passou a se dedicar às histórias em quadrinhos e à pintura. No entanto o envolvimento dele com as artes, assim como ocorre com outros autores, se iniciou desde cedo.

Macedo conta que aos quatro anos e meio copiou uma página da adaptação para os quadrinhos do romance *O Último dos Moicanos* (MACEDO, 2007). “Desenhar índios era uma paixão. Nunca tive afinidade e nunca me adaptei a essa distorção planetária que é a 'sociedade' 'civilizada', ou, melhor, sivilizada. Era um rebelde não-conformista e sem consciência” (MACEDO, 2013, s/p). Paixão essa que o influenciou por toda a vida, como visto adiante. Mais até, o contato com o mundo visionário já se manifestava desde criança, mesmo sendo tolhido pelo ambiente em que foi criado.

Na infância, a tendência visionária era evidente, mas, devido à caretíssima educação mineira, nunca tive apoio nem estímulo para desenvolver esse dom, muito pelo contrário. A educação que tive foi extremamente materialista e conformista, completamente formatada pelos valores sem alma dessa sociedade sem consciência. A tal ponto que este idiota aqui, induzido pelo meio ambiente humano, desenhava, na infância, principalmente imagens do que via no mundo concreto, com grande influência de HQ e cinema. (MACEDO, 2013)

A partir daí, atesta, as HQs viriam a se tornar sua linguagem básica de expressão. Em 1969, após ganhar o primeiro prêmio de desenho, no Salão de Arte da Reitoria da Universidade de Juiz de Fora, começou a trabalhar como desenhista publicitário, além de produzir ilustrações para jornais, ao mesmo tempo que preparava pinturas e gravuras para exposições (MACEDO, 2007).

Em 1970 teve a primeira exposição individual na Galeria de Arte Celina, em Juiz de Fora (MG). No ano seguinte foi aprovado no vestibular de Artes Plásticas da Faculdade Armando Álvares Penteado, em São Paulo. Porém, a incursão na academia foi breve. Como autodidata inato, Macedo não se adaptou aos limites impostos pelo mundo acadêmico e em poucos meses decidiu abandonar os estudos e focar nas produções artísticas. Na passagem abaixo fica clara a posição do autor, na época, quanto à faculdade de artes.

Dona Mórvida & sua mãe sempre diziam, entre miasmas de SMOG, que Arte não se aprende nas escolas. Não é preciso falar sobre a ineficácia do sistema Universitário, principalmente no setor da Arte. A Condição de Artista não se consegue por meio de diploma; nem sequer pelo condicionamento do aprendizado sistemático, se não se tem uma válvula extra, uma antena mediúnica em profunda transação de alquimia cerebral. (MACEDO, 1973, p. 02)

Estabelecido em São Paulo, passa a publicar ilustrações na revista *Planeta* (Editora Três) e nos jornais *Estado de São Paulo* e *Folha de São Paulo* (MACEDO, 2007). É possível perceber que, na revista *Planeta*, as ilustrações do autor já indicavam o caminho visionário trilhado por ele.

Quando comecei, na juventude, a desenhar, digamos, "quadros", o que rolava eram imagens "surreais-fantásticas". Quando usei alucinógenos, a visão nítida dos mundos sutis ("invisíveis" para aqueles que só usam uma ínfima parcela das faculdades cerebrais) tornou-se um referencial importante. Na época, eu sentia "necessidade" de expressá-las. Tinha a ver com aquela "necessidade" de comunicar a todos que "somos irmãos", que "o amor é uma das chaves da vida" e etc que, em geral, todos sentem ao viver a primeira trip. Com a experiência, fui discernindo a qualidade das energias que originavam essas visões e, naturalmente, passei a fazer uma seleção. Hoje, só vejo interesse em, eventualmente, desenhar imagens que

sejam úteis à evolução espiritual humana. O planeta Terra é um dos mundos mais primitivos, atrasados e caóticos do universo, e atravessa uma perigosa fase de crise geral. Necessita muita luz, amor e consciência. E disposição para se transformar. (MACEDO, 2013, s/p)

Em um depoimento, destacado na galeria de ilustrações, publicada na edição cinco da Planeta (em 1973), Macedo diz que “o desenho é um ritual, uma trajetória religiosa na equação espaço-tempo a caminho da luz. O que procuro, além da alquimia mental, é interligar o processo criativo a uma atuação de caráter social. A criação artística em função da comunicação” (MACEDO, 1973, p.115). O que ele diz sobre desenho ritual, trajetória religiosa em direção a luz, a alquimia mental, são algumas das características levantadas por Caruana (2013) para a produção de uma obra visionária. Na edição, ao menos um dos desenhos é possível afirmar, de fato, ser visionário. De acordo com Macedo (2013), em comunicação particular, *Panorama Carcerário*, surge como fruto de suas experiências psicodélicas na época e do momento de tensão vivido.

Panorama Carcerário, desenho feito c/ rotring em 1972, quando estava em cana em São Paulo. Ambiente barra. No começo, era misturado com criminosos diversos, mas fiz aquarelas coloridas para os carcereiros e para um delegado, e logo tive mordomias. Fiquei só numa cela. Ficar na solitária era muito melhor do que a coletividade. Tive sorte, e nunca tive que enfrentar a depravação sexual que geralmente rola na cadeia. Vi muita violência, tortura e etc mas, fora um bofetão que levei quando me algemaram, nunca fui espancado. Mas era um inconsciente², fumava maconha e tomava até barbitúricos que rolaram com as visitas, sem me tocar que me carregava com o astral ambiente. (MACEDO, 2013, s/p)

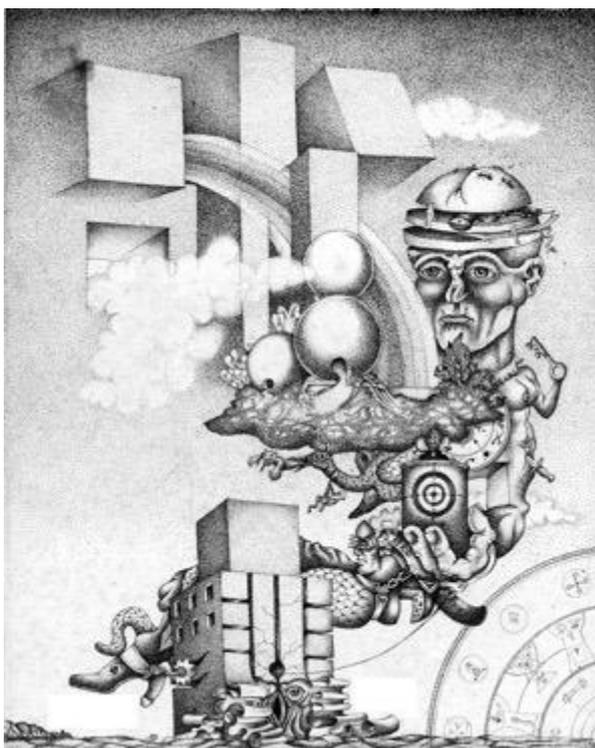


Ilustração 1: *Panorama Carcerário*, de Sérgio Macedo (1972).
Publicada na edição # 5 da Revista Planeta, 1973, Editora Três.

2 “Ser inconsciente”, para Macedo, é estar como “a maioria da humanidade desse planeta, contaminado por valores distorcidos e invertidos longe da Fonte-Centro-Original de todos os universos, todas as coisas e todos os seres.” (MACEDO, 2013, s/p)

Na *ilustração 1* é possível perceber como o ambiente carcerário influenciou na concepção da imagem. Paira sobre um prédio um ser disforme com algemas e preso ao interior do imóvel. Apesar de estar virtualmente fora da construção, se mantém ligado a ele, e é influenciado pela energia violenta do local (na cabeça há uma arma). Interessante notar como, mesmo com uma imagem, a primeira vista grotesca, Macedo tende a incluir símbolos esotéricos-cabalísticos indicando a vontade de transmutação.

A passagem de Macedo pela prisão se estendeu por seis meses, sendo levado para três tipos de encarceramentos diferentes. Apesar da situação, não parou de produzir. A ilustração feita para um anuário também sofreu influência direta do meio. Nas palavras do autor:

(...) desenhei [o anuário] (em bico de pena e ecoline) em 1972, quando estava em cana, numa prisão militar. Pego com LSD e maconha, passei 2 meses numa prisão em São Paulo, 2 meses num hospício e 2 meses numa prisão militar. Nesta, eu tinha mordomia, permissão para passear fora, e fumava maconha o tempo todo. Esse desenho tem traços do uso de maconha, LSD, mescalina e etc. Creio que escaneei outras imagens feitas em cana, sob efeito de droga, e espero encontrá-las. O astral delas é barra, é melhor rir. (MACEDO, 2013, s/p)

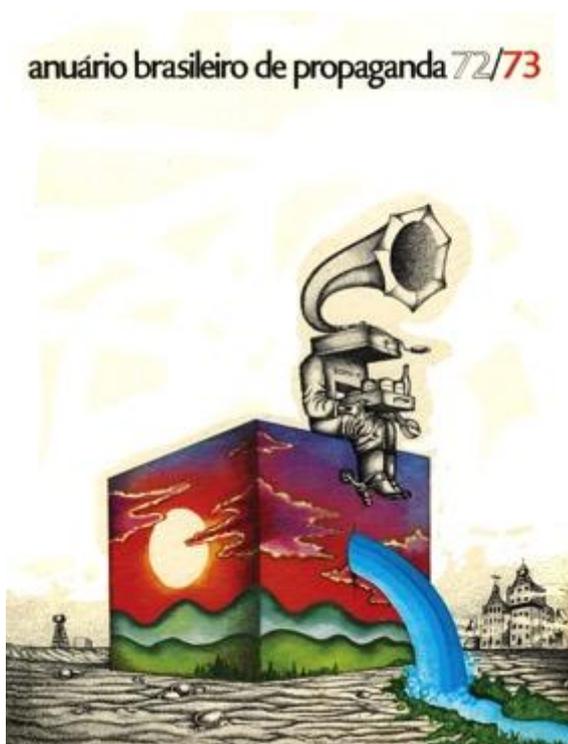


Ilustração 2: Imagem de Sérgio Macedo, 1972. Fonte: do autor.

Assim como a imagem anterior, realizada sob o mesmo estresse, Macedo retrata descontentamento. A caixa colorida mostra um ambiente natural, um por do sol, montanhas e uma fonte de água. Lugar esse, na percepção do artista (2013), um exemplo do ideal para se viver – tanto que ele reside nas ilhas do Taiti, um local paradisíaco no meio do Oceano Pacífico. O meio urbano é retratado cinza, sem vida, árido. O indivíduo-monstro, sentado sob o cubo-natureza, como uma vitrola, repete tudo que lhe põem na cabeça. As mãos são ferramentas, feitas para o trabalho urbano. Na camisa há uma sequência numérica, provavelmente são referência aos números que recebeu como identificação enquanto estava preso. Macedo, mais do que enjaulado pelo Estado, parecia se sentir preso à sociedade.

Nessa época, a gente fumava muita marijuana, tomava muito "alucinógeno", e meu trabalho refletia essas experiências. Esse desenho retrata o *feeling* de viver a

descoberta de novos níveis de consciência e da vida verdadeira (mesmo se os meios utilizados eram artificiais) e, confrontado ao mundo sem vida da triste sociedade, ser obrigado a dosar a vida verdadeira racionalmente (a natureza geometrizada) para "não chocar" os cegos (MACEDO, 2013, s/p).

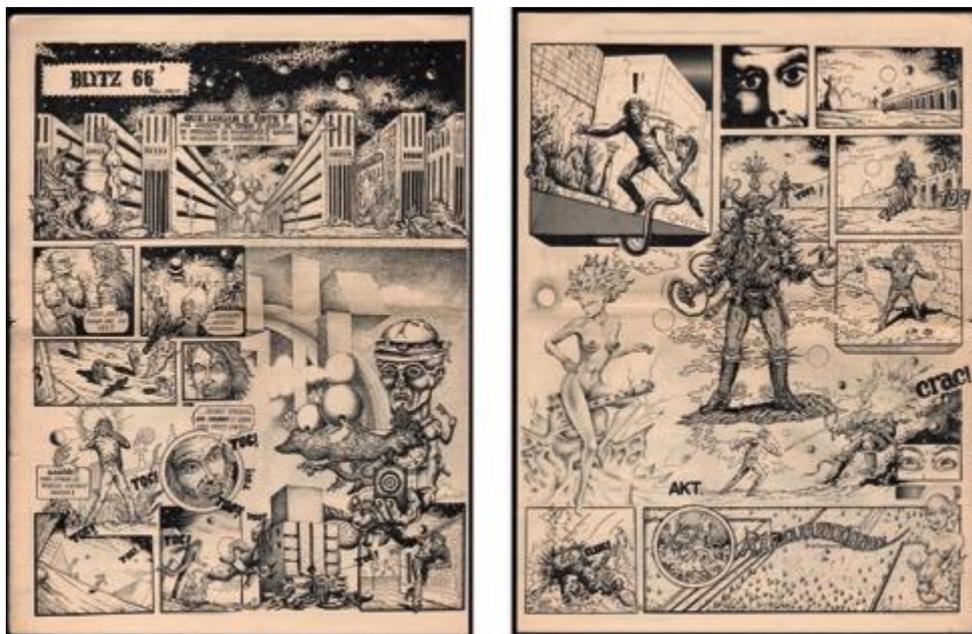


Ilustração 3: História de Sérgio Macedo, Blytz 66', 1973. Fonte: SOMA, 1972.

De acordo com o autor, entre 1972 e 1973, ele foi o primeiro artista brasileiro a publicar quadrinhos na revista *Grilo* (MACEDO, 2007). No mesmo período, o trabalho publicado na *Grilo* foi reunido e lançado em formato álbum, chamado *O Karma de Gaargot*, sendo considerado o primeiro livro brasileiro de HQs. O clima do álbum é bastante semelhante ao das ilustrações acima. Tanto que, o indivíduo-monstro do Anuário foi aproveitado na HQ.

Em 1972, junto com amigos, Macedo fundou o jornal alternativo *SOMA*, vendido nas ruas, em plena ditadura militar (MACEDO, 2007). Por ser um material esgotado, raríssimo de ser encontrado, não tive acesso ao primeiro número do *SOMA*. Porém consegui a digitalização da segunda edição. Nele há uma história de Macedo claramente inspirada na experiência de privação de liberdade, chamada *Blytz 66'*, de duas páginas, em que a ilustração *Panorama Carcerário* aparece como parte do cenário. Ou seja, é incluído ainda elementos visionários na história. Na *ilustração 3* reproduzo a HQ.

A mudança para Europa, em 1974, foi uma das formas encontradas por ele para buscar novas possibilidades para os Quadrinhos (MACEDO, 2007). No velho mundo, passa a fazer capas e ilustrações para a revista holandesa *Bres* até decidir ir viver na França. Lá ilustra capas de livros de ficção científica e fantasia, além de capas e ilustrações para as revistas *Galaxie*, *Horizons du Fantastique*, *Galaxie-Bis* dentre outras (MACEDO, 2007). Faz ainda posteres, capas de discos e HQs para as revistas *Actuel*, *Circus*, *Métal Hurlant*, *Rock & Folk*, *Neutron*, *Horizon du Fantastique*, *SexBulles*, *Ah! Nana*, *BD Adultes*, *Pilote*, etc. (MACEDO, 2007).

Na França, em 1976, lançou o álbum *Fume C'est Du Macedo*, pela editora *Kesselring Éditeur* – sendo, na Europa, o primeiro desenhista a fazer quadrinhos com aerógrafo (MACEDO, 2013). No país, juntamente com Alain Voss, fez parte do círculo de autores que publicaram na revista *Métal Hurlant* – tornando-se amigos de quadrinhistas como Caza, Moebius, Druillet. Por meio do selo *Métal Hurlant* publicou ainda dois álbuns de HQs do gênero ficção científica, *Psychorock* (1976) e *Telechamp* (1978).

A jogada Rock é puro reflexo do que eu vivia, curtindo espetáculos musicais a beleza. Psychorock foi uma HQ que publiquei na Métal Hurlant em 1976 e que fez sucesso. As outras história foram todas publicadas mensalmente, e o Jean-Pierre Dionnet resolveu juntar tudo no álbum, que também foi sucesso. Essas outras HQs eram mais na jogada da música eletrônica “planante” da época e, como minha cabeça sempre foi aberta “à consciência superior”, eu passava o recado... Mas era ainda muito imaturo. Fiz várias outras HQs rock n’roll, donde uma desapareceu na redação de Métal Hurlant. Curto muito tema musical. Publiquei várias na revista Rock n’Folk. (MACEDO, 2014, s/p)

Nos livros é possível perceber o aumento do interesse de Macedo em cada vez mais retratar as visões obtidas por meio de Estados Não Ordinários de Consciência - ENOC. Em *Psychorock*, por exemplo, ele começa a retratar o contato com outras formas de consciência. “Os contatos extra terrestres tiveram sua influência [em *Psychorock*], mas também a música, a *Science-Fiction* e tudo o que eu vivia, babaquices inclusive, na descoberta do mundo e da cultura europeia. Eu era jovem e imaturo e ia evoluindo na medida do possível” (MACEDO, 2015, s/p). No entanto, as HQs de Macedo não ficaram limitadas à França, foram publicadas também em revistas de vários países europeus entre eles a Espanha, na revista *Totem*.



Ilustração 4: Algumas capas ilustradas por Sérgio Macedo entre meados das décadas de 1970 e 1980, na França. Fonte:

<https://www.noosphere.org/icarus/livres/auteur.asp?numauteur=850&Niveau=illus>

A partir de 1975, Macedo decide parar com o uso de todo e qualquer tipo de substância psicoativa. A atitude veio como forma de purificação mental, espiritual e corporal (MACEDO, 2015).

O uso de drogas alucinógenas, naturais ou artificiais me permitiram explorar intensamente as possibilidades do cérebro e dos sentidos perceptivos. Felizmente, me toquei que esses meios que usava eram artificiais e frutos da preguiça de fazer esforço interior para isso. Já vivia na Europa e, em 1975, larguei completamente a droga e optei pela e purificação física, psíquica, mental e espiritual. Comecei a praticar Yoga, meditação, e logo optaria pela vida esportiva e saudável,

alimentação inclusive, passando a praticar esporte cotidianamente. O primeiro passo é a purificação das energias, dos sentidos, emoções, pensamentos, etc, tudo! Não é melhor beber água pura e respirar ar puro do que água estagnada e poluição? Com as energias, que animam toda e qualquer forma de vida, a purificação é primordial, é essencial! Daí o resto começa a rolar com harmonia. (MACEDO, 2015)

O que começa a “rolar com harmonia”, mencionado pelo artista na citação acima, são as experiências com estados não ordinários de consciência por meios naturais. No caso de Macedo, ele realiza cotidianamente respirações prânicas – uma técnica hindu medicinal e de expansão da consciência. Desde então, é a partir da respiração, exercícios tântricos e meditação, que Macedo se afina com as visões internas. Visões essas fundamentais, como visto, para a criação do autor.

Em 1982, ele se fixa na Polinésia Francesa e se “encanta com a beleza e a paz das ilhas, redescobre a felicidade de viver em harmonia com a natureza, com o sol, o mar, o ar puro e os elementos naturais, se acostuma a viver o ano inteiro de short e descalço” (MACEDO, 2007, s/p). Nisso, continua a produzir e a publicar, inclusive no Taiti, ilustrações, capas de livros, revistas, CDs e quadrinhos (MACEDO, 2007).

Da Polinésia Francesa lança vários álbuns na Europa com traduções em oito países diferentes, são eles: *Caraiibe* (Éditions Glénat, 1981), *Voyage Intemporel* (Éditions Glénat, 1987), *Eldorado I - Le Trésor de Paititi* (Éditions Glénat, 1983), *Eldorado II - A La Recherche D'Agharta* (Éditions Glénat, 1985), *Les Aventures de Mike The Bike & Molly* (Éditions Neptune, 1981), *Pacifique Sud I - Le Monde Tabou* (Éditions Aedena, 1985), *Pacifique Sud II - Le Mystère des Atolls* (Éditions Aedena, 1986), *Brasil! (Vaisseau D'argent Éditeur, 1989)*, *Honu Iti E* (CTRDP, 2000), *Te Tere O Te Tupuna* (CTRDP, 2003) e *La Légende de Tuivao* (Éditions des Mers Australes, 2002).

Nos EUA, na década de 1990, publica o livro *Lakota: An Illustrated History*, premiado com o *Benjamin Franklin Award* como a melhor obra multicultural de 1997. De volta ao Brasil, em 2007, recebeu o troféu *HQ Mix*, na categoria Grande Mestre – retornou à Polinésia Francesa em 2015. Atualmente produz dois livros contando a história da Polinésia em quadrinhos, além de um projeto particular, chamado *Energia, Amor, Consciência*. Macedo (2007) lista ainda os seguintes trabalhos em produção: *Apache, Apache Soul, El Quetzal* e *Mémoire Ma'ohi*.

A seguir irei descrever e analisar alguns trabalhos de Macedo, como *Caraiibe* (1981), *Voyage Intemporel* (1987), *Lakota* (1997) e *Xingu!* (2007), além de algumas ilustrações realizadas entre as décadas de 1970 e 1980. A intenção é discutir os processos criativos do autor, a partir de depoimentos coletados, aproximando-os dos conceitos de Arte Visionária instituídos por Laurence Caruana (2013). O foco não é a narrativa em si dos trabalhos, mas as ilustrações presentes que identifiquei como visionárias, ou foram apontadas pelo autor como tal – a não ser quando a narrativa também seja visionária. A seleção dos trabalhos foi pautada na acessibilidade, uma vez que são obras, na maioria, inéditas no Brasil, são difíceis de serem encontradas. *Voyage Intemporel* e *Lakota*, por exemplo, foram adquiridas diretamente com o autor.

Visões de luz

Ao percorrer a produção de Sérgio Macedo, do primeiro livro ao mais recente, é nítida a percepção de melhora técnica do desenho, tanto quanto da afinação do autor com energias mais positivas, por assim dizer. *O Karma de Gaargot*, por exemplo, possui um clima pesado, denso e negativo. Um reflexo da insatisfação do artista com o mundo a sua volta. Na Europa isso começa a mudar. A transição ocorre de modo gradativo de acordo com que Macedo se afina mais consigo mesmo. No início da mudança, principalmente quando ainda usava psicotrópicos, é perceptível a aura sombria nos desenhos. As ilustrações abaixo exemplificam o período de uso de psicotrópicos.

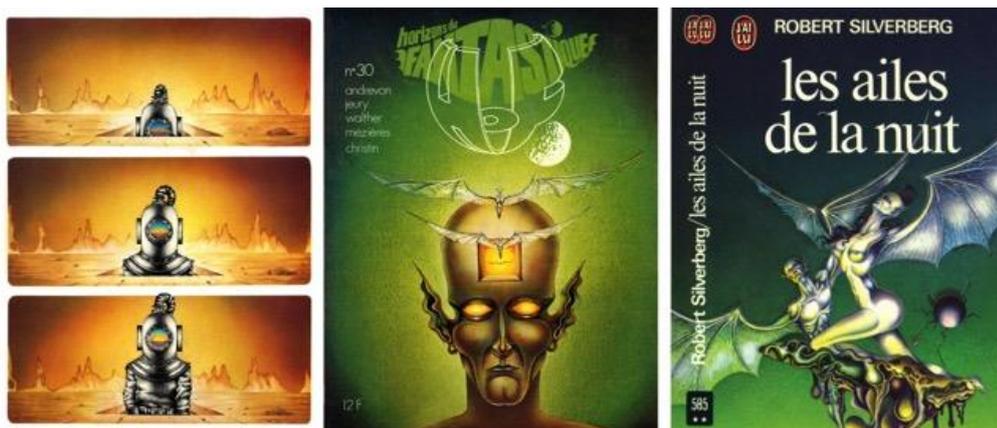


Ilustração 5: 1. Aurora Interior (1973-74); 2. Capa de *Horizons du Fantastique*, (1973-74); 3. Capa de *Les Ailes de La Nuit* (1975). Fonte: do autor.

1. *Aurora Interior*, bico de pena, aquarela, e *ecoline* com aerógrafo. Feita no Brasil em 1973-74, completamente chapado de maconha e alguns dias depois de uma experiência com LSD. Em 1976, foi publicada na revista francesa *Rock & Folk* ilustrando artigo sobre a música de *Tangerine Dream*. 2. Capa de *Horizons du Fantastique*. Desenho (aquarela, guache e *ecoline*) feito no Brasil em 1973-74, completamente *stoned*. É uma entidade do baixo astral, mas com portas que dão passagem a entidades menos pesadas, ou seja, com certa capacidade de acesso a níveis de consciência menos densos. 3. Capa de *Les Ailes de La Nuit*. Guache feito sob encomenda em 1975, completamente *stoned* de hashishe, quando o Alain Voss e eu fomos trabalhar numa fazenda na França. A gente desenhava HQ fumando hashishe. (MACEDO, 2015)

Após abandonar o uso de toda e qualquer tipo de substância (natural ou não) para expansão da consciência, Macedo se abre para “outra vibração” (MACEDO, 2013). As imagens a seguir ilustram bem a transição. São capas de livros produzidas entre 1974 e 1976. De acordo com o autor,

Simulacres (1974-75), [possui] baixo astral pesado, ainda na fase de experiências com alucinógenos; *Dangereuses Visions 1* (1975), ainda na fase de experiências com alucinógenos; *Dangereuses Visions 2* (1976), fase sem drogas. Note que a energia já é mais estruturada, sem a dispersão delirante das outras imagens. (...) [*Horizons du Fantastique*] uma capa feita em 1974, na fase das experiências alucinógenas (pode-se notar a influência do supra-mental rompendo as barreiras densas do mental inferior e limpando-o dos parasitas e distorções astrais-psico-mentais-etc) (MACEDO, 2013, s/p)

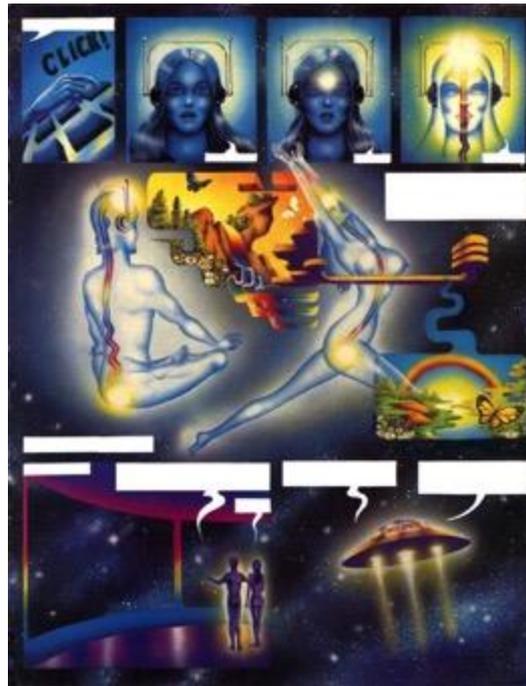


Ilustração 6: Página HQ, sem título, publicada na revista *Rock & Folk*, França, por volta de 1975-76. Fonte: do autor.

Durante a transição de ritmo de vida, os trabalhos do artista passaram a demonstrar cada vez mais sua abertura para um nova perspectiva de relação entre ele, o mundo e a arte. Na HQ, sem título, de 1976, a mudança é clara. Nela é retratada a expansão da consciência a ocorrer por meio de meditação e música (ilustração 7). É pertinente notar que nesta página-quadrinho é dado destaque especial para a abertura energética das personagens, representada nos pontos de *chakras* – de onde emana o prana. Nos trabalhos seguintes, tais reproduções se tornam mais comuns, ao ponto de praticamente todos os seres de luz possuírem destacados os pontos de *chakras*. O cósmico, tema abordado desde *Psychorock* e *Telechamp*, também passa a ser cada vez mais comum. Na opinião de alguns artistas visionários, esta é uma transição compartilhada entre todo “visionário cósmico” (BRUVEL, 2012).

O Visionário Cósmico traz o mito, com seus sistemas e paisagens mentais complexas, literalmente dentro do foco e dentro do mundo. O Cósmico Visionário resgata o Mito do livro de estórias, do mundo do sonho, até da religião, e o coloca em exposição, permitindo ao público experimentar o mistério do universo em uma forma sem palavras. Desta forma, o desconhecido pode ser tocado, através do processo de percepção e intuição. Apreciadores da arte Cósmica Visionária sentem um reboque subterrâneo, um empurrão da psiquê, algo que quer subir à superfície porque o que eu vou chamar aqui de “Visionarismo Cósmico” fundamentalmente procura uma conexão espiritual entre o eu e a psiquê e a intuição e o sonho. Portanto, o trabalho do Cósmico Visionário, ao invés de ser de outro mundo, é na verdade, essencialmente humano. (BRUVEL, 2012, pg. 89)



Ilustração 7: Páginas aleatórias de *Caraiibe*, de Sérgio Macedo (1981), mostram visões obtidas pelo autor.

Em 1981, Macedo publica *Caraiibe*, uma história sobre um jovem casal que, num local paradisíaco, encontra um artefato alienígena e têm uma experiência com extraterrestres que acaba por transformar a maneira como interpretam a realidade. A HQ é influenciada por uma viagem do autor, com uma namorada, em 1979, para as Bahamas (MACEDO, 2015), aliada as visões obtidas cotidianamente. Nas palavras dele: “*Caraiibe* são 100% visões que tive. A dos extraterrestres azuis foi, sem vontade pessoal, com recepção de mensagens telepáticas originárias das Plêiades” (MACEDO, 2015, s/p). O destaque, dado por Macedo, em ter recebido mensagens das “Plêiades” sem vontade pessoal, indica a afinação, cada vez maior, do autor com os estados não ordinários de consciência. Devido a quantidade de cenas de sexo em *Caraiibe*, questionei-o se haveria na história influências de técnicas tântricas de ENOC, ele afirmou dizendo que

(...) transava um certo tantrismo prático, sem misticismo. Mas não só tântricas. Experiências de contato interior com níveis de consciência superior. Os extraterrestres dessa HQ foram fruto dum contato interior, telepsíquico, que tive, no meu estúdio, em 1978, com a consciência de hierarquias avançadas das Plêiades. (MACEDO, 2015)

No depoimento abaixo, Macedo reforça a relação dele com suas visões e produção artística e como elas sempre foram parte de sua vida. A resposta se refere a uma pergunta a respeito de como surgiam os contatos com os extraterrestres retratados em seus quadrinhos – com destaque em *Caraiibe*.

Não crio nada. Só olho (com a visão interior) os mundos que consideram "invisíveis" e desenho o que vejo. Minha única "criação", caso exista, é a adaptação gráfica, a formalização, do que vejo no plano pluridimensional para o bidimensional, no papel. Posso "ver" múltiplos planos e dimensões vibratórias, é

fruto de trabalho interior com as energias. Na primeira infância, muito antes de tomar alucinógenos, eu já tinha essa abertura. (MACEDO, 2015)



Ilustração 8: *Love is a Cosmic Force* (sem data), Alex Grey. Fonte: <http://alexgrey.com/art/paintings/soul/love-cosmic-force/>

Nas páginas selecionadas acima é interessante notar o uso, por parte de Macedo, de imagens tidas como essencialmente visionárias. Caruana (2013), separa dois tipos de visões: as de luz e as de trevas. A cada um desses arcabouços visionários, Caruana (2013) exemplifica os tipos de visões mais comuns. As páginas de Macedo (1981), em *Caraiibe*, estão repletas delas. Na página central da fileira superior, no último quadro há uma espiral, formada com o cosmos, o qual indica a transição de consciência da personagem do estado ordinário para o não ordinário – também observado no caso de Rick Veitch³. Espirais, assim como túneis, de acordo com Mikozs (2009) e Lewis-Williams (2005), são parte importante do processo de mudança de estado mental e são retratadas ao longo da história humana em diversas culturas. Na página ao lado, no último quadro, onde mostra o casal em coito, Macedo buscou retratar o orgasmo e a integração energética do ato. Algo também encontrado no trabalho de um dos principais artistas visionários, Alex Grey, na série *Progress of the Soul*.

Ainda na imagem com as páginas de *Caraiibe* (ilustração 8), na primeira página da fileira de baixo, há um palácio de arquitetura irreal, impossível, feito de cristal e ouro. Este tipo de arquitetura também é uma das características gráficas apontadas por Caruana (2013) como sendo visionárias. Nas duas páginas seguintes há a representação de seres de luz, mandalas, extraterrestres, cristais, arco-íris, pirâmides e seres espirituais, também listados por Caruana (2013) como imagens pertencentes as visões de luz. No caso de Macedo, representar esse tipo de visão, a partir desse momento, se tornaria uma espécie de “projeto poético”, como indicaria Cecília Salles (2009, p.135), e passaria a estar em praticamente todos os trabalhos do autor, mesmo quando o foco principal da obra não é retratar as próprias visões.

Especificamente ainda com relação à *Caraiibe*, questioneiei, inclusive, se houve dificuldade para estabelecer a comunicação com esses seres. Se somente as visões eram retratadas nos quadrinhos, ou se os diálogos presentes nas obras faziam parte das visões. A resposta:

³ Ver http://www.revistanos.com/resources/NUMERO_3/12%20artigo%20ARTE%20DOS%20SONHOS.pdf

Simples, era só me concentrar, e tudo rolava facilmente. Principalmente quando desenhava sozinho. Eu era receptor de mensagens vibras (pura vibração), que o cérebro pode traduzir no nível mental como mensagem telepática. Essas transmissões eram de nível elevado demais para o grande público, e os diálogos que coloquei em *Caraíbe* eram uma adaptação vulgar para o plano psico-mental limitado dos humanos. (MACEDO, 2015, s/p)

A artista visionária Amanda Sage, ao falar do próprio processo criativo, comenta algo semelhante ao descrito por Macedo e ajuda a compreender o mundo no qual ele trafega.

Na entrega ao poder da criatividade, uma abertura aparece através da qual uma pessoa se torna uma ferramenta na canalização do código artístico cósmico. Criatividade é o portal através do qual descobrimos a totalidade de nossas capacidades, ampliando nossa perspectiva como seres espectrais completos, elétricos e espirituais. Ao permitir que o sentimento guie o pincel, eu elevo através da forma, cor e contraste ao passo que desvendo possibilidades. Minha única expectativa, que eu seja profundamente surpreendida além de minhas crenças e imaginação presente. Quando a pessoa está nesse estado de união cósmica, ou vórtice, ela dança com a criação e tudo se sincroniza, como se lajes grandes do universo se encontrassem em perfeita proporção e um som é liberado, uma vibração. Essa vibração é visual quando é pintada, e tem o poder de transformar. É tempo de começar a dançar em todos os meios criativos, nós podemos encontrar a conexão para o cósmico que irá nos guiar e abençoar nossos caminhos. (SAGE, 2012, p. 30)

Experiências como as de *Caraíbe*, e o modo de produção narrativa, foram aprimorados em *Voyage Intemporel* (1987) – neste trabalho a ligação cósmica de Macedo se intensifica. No início de 1980, ainda na França, Macedo passa a fazer parte de um grupo de estudos da consciência chamado *Iso-Zen*, liderado por Appel Guery – com quem mais tarde publica um álbum de quadrinhos. A *Iso-Zen*, basicamente, se dedica a evolução psico-mental-espiritual dos indivíduos, tendo ainda uma perspectiva ufológica e imaterial. Dentro deste contexto, Macedo passou a receber visões, cada vez mais constantes, de extraterrestres. O tema, brevemente abordado nas obras anteriores, começa a estar progressivamente mais presente nos trabalhos do artista durante a década de 1980.

Em 1982, Macedo e a *Iso-Zen* se mudam para a Polinésia Francesa. No centro de estudos, as visões e as práticas de ampliação de consciência aumentaram ao ponto de, assim, criar as bases para *Voyage Intemporel*. Este trabalho, em especial, foi roteirizado por Appel Guery – o líder da *Iso-Zen* – e trata sobre os contatos cósmicos realizados dentro do contexto da *Iso*.

Na época, o Iso (depois Osi, atualmente Io) [Appel Guery] era um guia extraordinário, com uma capacidade de contato tanto supra terrestre como espiritual fabulosa, e a junção com os planos interdimensionais que seu trabalho proporcionavam e ajudava muito na abertura da consciência aos planos de energia, astrais, supradimensionais e outras fontes de realidade que abriam a mente ao mundo visionário. Eu sempre fui visionário e, com ou sem influência do Io, continuaria e continuo. (MACEDO, 2015, s/p)

A narrativa em si, segue a fórmula de *Caraíbe*, tendo partes ficcionais mescladas com as vivências de expansão da consciência do grupo, junto com a história de vida do roteirista. Appel Guery, na apresentação do livro (versão em inglês) diz que “[*Voyage Intemporel*] isn't only a comic strip just a little out of the ordinary. But rather, **it's a true story**, a strange as that may seem, that has been lived in majority by a certain number of people” (GUERY, 1987, p. 4 – grifo meu). Esta história verdadeira, mencionada por Guery, indica claramente ser o quadrinho uma representação de visões de estados ampliados de consciência. Sérgio Macedo, assim como outros membros da *Iso-Zen*, é uma das pessoas que vivenciou parte do narrado na HQ.

No posfácio da obra, Macedo (1978, p. 101) fala que se sentiu atraído pelo projeto desde o início sendo uma das razões o fato de ter um final positivo, além do desafio gráfico enfrentado para

poder conceber as imagens a serem criadas, “*the number of technical and psychic exercises I would have to go through in order to transpose all the evocations of invisible worlds onto paper*” (MACEDO, 1978, pg. 101). Ele comenta também sobre a produção e a importância do trabalho apresentado. Como ele dialoga com outra esfera do conhecimento e de vibrações positivas. Em conversa particular, Macedo deu mais detalhes da produção do álbum.

O “roteirista” me passou o texto e comentou 2 ou 3 visões. Me virei criando situações bem HQ, pois o texto era muito literário, na verdade, não era um roteiro, mas as experiências da sua vida (o cara era telepata, tinha contato com planos de consciência supra terrestre e extraterrestre, participei de contatos com naves interdimensionais) e era um guia excepcional. É claro, *Voyage Intemporel* tem uma dose de fantasia que, na época (1976-1980), levei para a praia da *science-fiction*. Sim, retratei visões, pois viajei pra valer na narrativa e descrições que o cara fazia e, quanto aos seres espirituais que desenhei, os vi nitidamente no plano astral. Hoje eu os desenharia com mais fluidez e luz. (MACEDO, 2013, s/p)

A narrativa em si, de *Voyage Intemporel*, trata da vida de uma criança concebida com a, posso dizer, bênção de seres cósmicos, sendo predestinado a espalhar pelo mundo a mensagem de harmonia, paz e iluminação cósmica. O livro explica, o que entendi serem os principais preceitos da *Iso-Zen*, as bases teóricas do grupo e a forma como interpretam a realidade – sendo o planeta terra um local de evolução psico mental, que passou a sofrer influências negativas e teve esta evolução interrompida por tais energias após a queda de Atlântida. A viagem intemporal do título, se refere as várias viagens astrais que o protagonista realiza. Em cada uma delas ele se encontra com seres cósmicos que lhe ensinam sobre sua missão no mundo e como resistir as forças da “zona negativa”.



Ilustração 9: Páginas, 07, 10, 52, 66, 70 e 73 de *Voyage Intemporel*, de Sérgio Macedo e Appel Guery.
Fonte: *Voyage Intemporel*, 1987.

Ou seja, tanto a própria narrativa do livro quanto diversas imagens nele podem ser consideradas visionárias. Para Caruana (2013), o artista visionário, voltado a representar visões de luz, é aquele que tende a expressar tudo que possa se relacionar ao divino, positivo – como ocorre em *Voyage Intemporel*.

desdobrando em cores brilhantes, luz e forma. No misticismo ocidental, há a Rosa Mystica, a visão de Deus como uma Rosa Celestial descrita por Dante no Paraíso. (...) No Oriente, o lótus de muitas pétalas, cada qual tem inscrita uma sílaba sagrada, em cujo centro se encontra a joia misteriosa. A arquitetura do reino celestial pode revelar-se em uma cascata de joias, superfícies polidas e pedras semipreciosas. Vistas infinitas podem se desdobrar, ou tudo pode se transformar num agitado vórtice de arquitetura antiga. Serafins e querubins podem descer fluindo em forma cristalina ou de uma pedra lapidada. Flores desdobram-se em matrizes de cores inebriantes. Finalmente, as imagens podem ceder, deixando apenas auras de luz piscando: espectros de arco-íris, caudas de pavão, a rosácea dos vitrais – tudo o que pode vir a se dissolver em um círculo singular de luz dourada. (CARUANA, 2013, p. 31-34)

Na ilustração 10 selecionei algumas imagens-páginas de *Voyage Intemporel*. Nelas é possível identificar os exemplos citados por Caruana (2013), como anjos, arco-íris, luz dourada, vórtices, pedras semipreciosas, reino celestial, a Rosa Mystica, lótus, etc. Na trama o pano de fundo visionário é percebido na figura do protagonista, que surge como um experimento cósmico com o propósito de ajudar a evolução psico-mental-espiritual dos seres humanos. Seria ele uma espécie de porta-voz do universo, das forças telúricas, com a missão de preparar as pessoas para uma nova consciência cósmica. O que, na realidade, estava em curso por Appel Guery e a *Iso-Zen*, no momento da criação do álbum. Curioso com relação aos métodos de ampliação de consciência utilizados por Macedo, durante a realização de *Voyage*, questionei-o este aspecto. Ele respondeu que

O prana, sem dúvida, ajudava, mas as visões eram naturais como respirar. Não houve nenhum conflito, eu mesmo participei de certas experiências do autor do texto, e só retratava o que via no astral. Hoje, minhas visões seriam mais harmoniosas e luminosas. Para mim, desenhar o "astral" é natural e espontâneo. Só não faço muito porque o gosto geral do público prefere o baixo astral. É triste, mas a humanidade do planeta Terra, cega e desconectada da Fonte, é assim. (MACEDO, 2015, s/p)

Ao dizer que suas visões hoje seriam mais harmoniosas e luminosas, Macedo se refere à própria evolução pessoal. De acordo com o autor, ele só foi se afinar de fato com as energias sutis no final dos anos de 1990 (MACEDO, 2015). “Depois de minhas experiências com alucinógenos, artificiais ou naturais, levei vários anos para me limpar das distorções por elas causadas no meu sistema energético-etérico astral-espiritual-etc e reconquistar a pureza primordial da percepção interior-exterior que é o estado natural do recém-nascido” (MACEDO, 2016). Em 1997, período este em que teria se limpa das distorções em seu “sistema energético”, Macedo lança o livro *Lakota: an illustrated history*, com roteiro e desenhos assinados por ele.

No livro é possível perceber que as imagens, ao retratarem visões, estão sim, mais luminosas e vibrantes. Mesmo o conteúdo principal do livro não sendo pautado em visões, os estados não ordinários de consciência são fundamentais para a narrativa. A história é sobre o dia a dia de um povo culturalmente ligado aos espíritos e aos estados xamânicos, além do protagonista ser um xamã-guerreiro-vidente.

A trama de *Lakota*, apesar de contar com um protagonista ficcional, narra a história real do povo *Lakota* durante o período anterior e durante os principais conflitos com os brancos, entre 1860 e 1890. Particularmente a história de vida do grande líder chamado *Black Elk*, do qual Macedo se baseou para criar o herói da história. Logo nas primeiras páginas, o protagonista passa por sua *vision quest*, ou busca de visão. Um ritual tradicional destes povos que consiste no isolamento do indivíduo em um local sagrado (geralmente uma caverna ou montanha) para meditar, em jejum, até alcançar os estados não ordinários de consciência. Após três dias de espera ele finalmente tem sua

visão e recebe a visita dos cinco espíritos (leste, oeste, norte, sul e céu), os quais o batizam de *Thunder Eagle* (Águia Relâmpago).

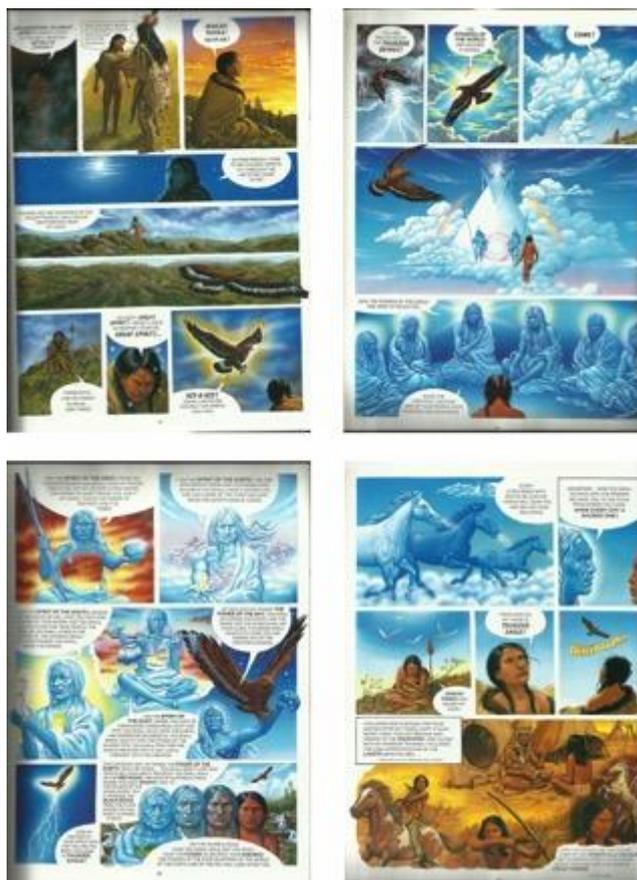


Ilustração 10: Sequência de páginas da 11 a 14, em que é narrada a *vision quest* do protagonista. Fonte: *Lakota*, de Sérgio Macedo (1997).



Ilustração 11: Segunda visão ilustrada no álbum, páginas 29 e 30. Fonte: *Lakota*, Sérgio Macedo (1997).

As páginas podem ser conferidas na ilustração 11 e 12 e é possível notar como as imagens estão mais vivas e coloridas. Mesmo as visões não sendo do autor, ele procurou ser fiel as descrições dada por *Black Elk* nos livros que contam sua vida.

batalha Little Big Horn (aniquilação do general Custer e cia.) em 1876. As visões foram narradas por Black Elk na sua biografia e as reproduzi tais e quais. (MACEDO, 2013, s/p)

Outras visões representadas em *Lakota* são de quando *Thunder Eagle* cai do cavalo e fica inconsciente – imagens abaixo – e durante o ritual do *Sun Dance*, ou Dança do Sol. Esta “dança”, na verdade, é um método de se alcançar ENOCs por meio da dor e exaustão física e mental. Os participantes ficam pendurados por ganchos presos a pele das costas – como em uma apresentação de suspensão, comum em shows de horrores contemporâneos – enquanto olham para o sol. Algumas variações são: os ganchos presos as costas estão amarrados em crânios de búfalos e são arrastados; ou os ganchos são presos no peito e ligados a pilastra central enquanto o indivíduo canta e dança até os ganchos arrebentarem a pele. A página com o ritual e as visões dele decorrentes seguem na ilustração 13.

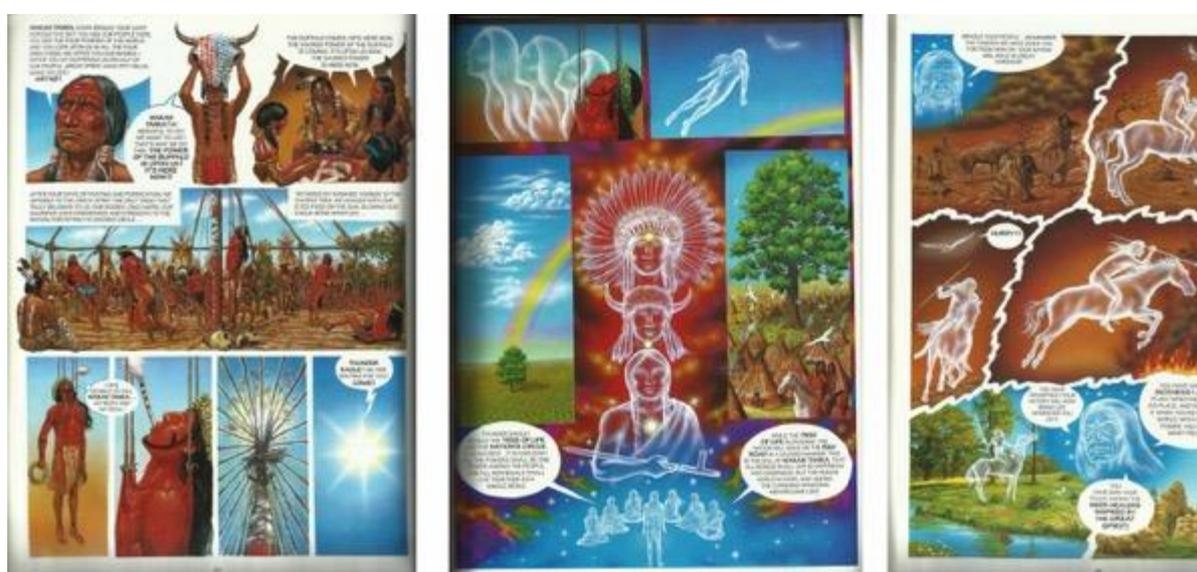


Ilustração 12: Ritual do *Sun Dance* e as visões obtidas por *Thunder Eagle*, páginas 32 a 34. Fonte: Lakota, Sergio Macedo (1997).

Em meio a tantos artistas gráficos, acredito que não haveria melhor autor que Sergio Macedo para desenvolver um trabalho como este em *Lakota*. Como discuto ao longo da tese, são poucos os autores de quadrinhos espalhados pelo mundo com experiência suficiente com ENOCs para conseguir abstrair tão bem as visões descritas por terceiros e um interesse genuíno pelas culturas nativas. Ainda mais um autor que tem como uma de suas metas desenhar histórias de cada uma das tribos nativas das Américas (MACEDO, 1997). O próprio Macedo, como citado no posfácio da obra (WESTERMAN, 1997, pg. 54), é um autor com vasta experiência com povos indígenas, havendo vivido – mesmo que por breves períodos – com tribos no Brasil e nos EUA. Outro trabalho em que Macedo representa as visões descritas por outros é também uma obra com abordagem voltada às comunidades nativas, especialmente o livro *Xingu!*, publicado no Brasil em 2007, mas lançado na França, em 1989, com o título de *Brasil!*.

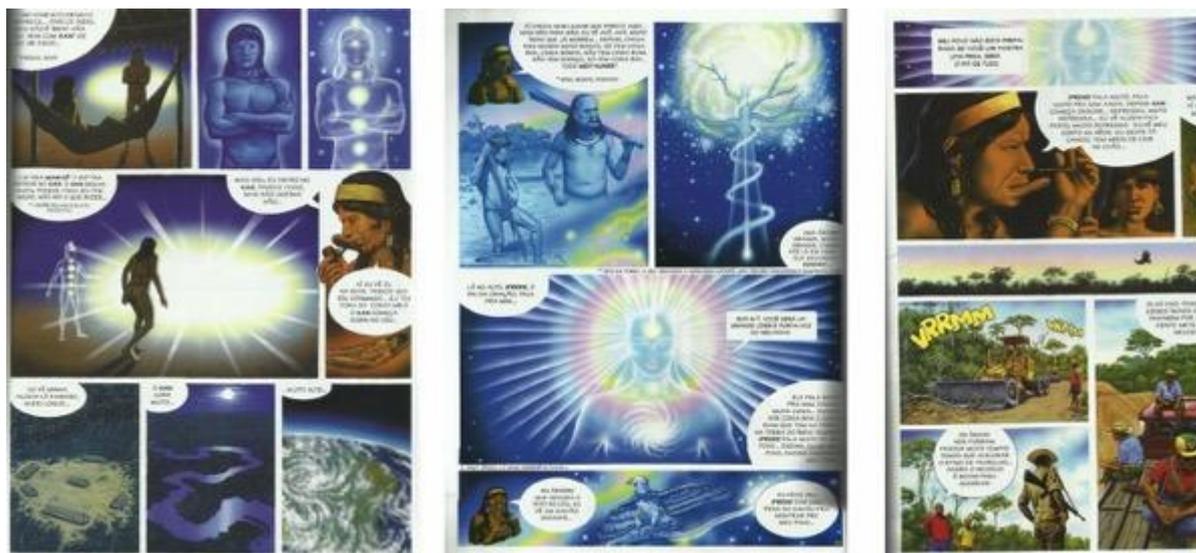


Ilustração 13: A visão narrada por Raoni para Sergio Macedo, páginas 49 a 51. Fonte: Xingu!, Sergio Macedo (2007).

Xingu! conta uma aventura da personagem de Macedo, chamada Vic Voyage, o qual é o protagonista de outros álbuns do autor como *Pacifique Sud 1 e 2*, e *Eldorado 1 e 2*. Na trama, por um acaso, Vic Voyage é convidado a visitar o Pantanal mato-grossense com um amigo. Eles vão e lá acabam ficando hospedados com os Kayapó. Com o tempo passam a compreender seus ritos e modo de vida, além de constatarem a degradação da natureza e a maneira bestial como os homens brancos tratam os índios.

Apesar da obra ser essencialmente ficção, vários personagens e situações são reais, narradas ao autor ou vistas/vivenciadas por ele no decorrer dos dois meses em que viveu com os Kayapó, em 1987, entre janeiro e fevereiro. Existem duas principais visões retratadas no álbum. Uma é a experiência tida por Rop-Ni, mais conhecido como Raoni, líder espiritual e guerreiro dos Kayapó – renomado internacionalmente por ser ambientalista e defender o modo de vida tradicional indígena. A visão descrita por Raoni, e ilustrada por Macedo, é a revelação recebida por ele de que seria um grande líder e porta-voz de seu povo – algo que efetivamente aconteceu. No livro, Macedo insere uma nota dizendo que “esse caso foi narrado ao autor por Raoni, na beira do Xingu, em 1987” (MACEDO, 2007, pg. 48). Em contato pessoal, ele complementou dizendo que “A visão da qual me lembro é a da viagem do Ropni (Raoni) em nave astral, que ele me contou, com todos os detalhes, na beira do Xingu” (MACEDO, 2013, s/p). Na ilustração 14 segue a sequência com a visão de Raoni.

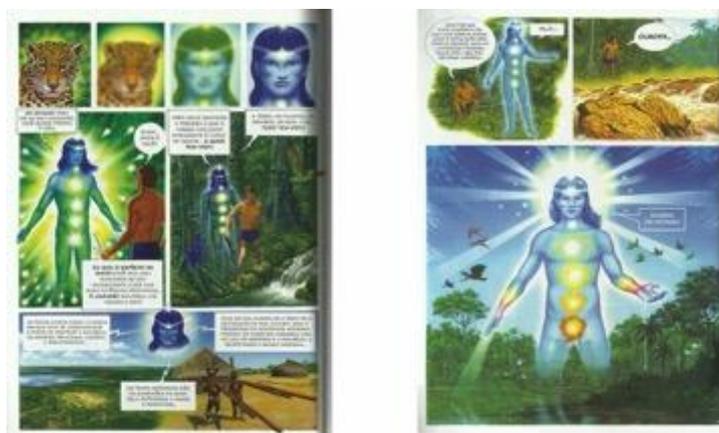


Ilustração 14: Encontro de Vic Voyage com o deva do Xingu. Experiência visionária real de Sergio Macedo encaixada no contexto da história, páginas 44 e 46. Fonte: Xingu!, Sergio Macedo, (2007).

Outra visão inserida na obra é uma que ocorre com Vic Voyage. Em conversa particular com o autor, ele contou que o encontro de Vic com seres espirituais na floresta foi um contato que ele realmente teve durante o período de vivência com os Kayapó. Para Macedo, foi um encontro com um “*deva* do Xingu, que vi no astral” (MACEDO, 2014). Devas são seres não-humanos do Budismo e de outras tradições espirituais do oriente. Na história, Vic Voyage vê o *deva* durante uma sessão de cura realizada pelo pajé da aldeia após ser picado por uma cascavel. Porém, outras visões mostradas como parte do processo de cura passado por Vic, de acordo com o autor são “imaginação, [são] muito 'líricas' em comparação (sofrimento brabo) com o que senti com a picada da cascavel” (MACEDO, 2014). Na ilustração 15 há o encontro de Vic Voyage, alterego de Sergio Macedo, com o ser da floresta.

No livro *Povos Indígenas em Quadrinhos*, publicado em 2012, no Brasil, embora possua passagens que se assemelhem a visões, o autor afirma serem apenas relatos de contos antigos perpetuados através das gerações. Não seriam visões, propriamente ditas, de indivíduos vivos, mas sim parte da tradição oral desses povos. Todavia, ressaltou uma cena em especial em que é mostrado um ritual Yanomami, etnia que vive entre Roraima e Venezuela, que utiliza um composto chamado Yopo, insuflado pelo nariz, e altamente visionário⁴. Na página há um quadro que indica o efeito visionário do Yopo. Mesmo não sendo uma cena visionária de fato, mostra o potencial e intuito do método. Segue na ilustração 16 a referida página.



Ilustração 15: Página demonstra o uso do Yopo e a capacidade visionária da planta (primeiro quadro, terceira fileira), página 19. Fonte: Povos Indígenas em Quadrinhos, Sergio Macedo, (2012).

Considerações

Por meio de uma perspectiva global das obras de Sergio Macedo, foi possível perceber como o progresso dele, enquanto artista, foi natural. As visões, o interesse por quadrinhos, a cultura indígena. Essa em especial, de uma maneira ou de outra, aproximou-o dos estados não ordinários de consciência e da espiritualidade desde cedo. Mesmo que inconscientemente, uma vez as culturas nativas são ligadas a algum tipo de xamanismo, seja ele qual for (com ou sem uso de psicotrópicos).

4 O Yopo é feito com o pó da semente da *Anadenanthera colubrina*, popularmente conhecida como Angico Branco. Os principais alcaloides presentes no Yopo são: bufotenina e DMT.

A época em que cresceu, em meio a revolução psicodélica, foi fundamental para permitir-lhe experimentar com a consciência e descobrir novos horizontes mentais. São as influências do meio sob a psique criadora (OSTROWER, 1977; MAY, 1982; KNELLER, 1978).

Com as portas (re)abertas, averso a sociedade ocidental a padecer com a doença capitalista, egoísta e autodestrutiva, Macedo procura se aproximar de energias positivas. Para isso decide se afastar do uso de todo tipo de alcaloides para expansão da consciência. O tom do trabalho dele muda, se refina, ganha cor e vida. A partir das novas formas de meditação, respiração e concentração, passa a alçar voos cada vez mais distantes até o ponto de se transformar em receptor de consciências extrassensoriais. Em meio a isso, progressivamente suas experiências visionárias se tornam parte integral de sua arte, até o ponto de se transformar em um projeto poético (SALLES, 2009). São as influências internas do indivíduo criador (OSTROWER, 1977; MAY, 1982; KNELLER, 1978).

O artista visionário costuma ter a necessidade de comunicar o visto em outra realidade. Não apenas por se deslumbrar com as imagens ou como forma de memorização. Mas por saber que o visto e sentido lá é real. A necessidade de comunicação se dá, então, por uma percepção maior de sentido de mundo, de universo. O trabalho de Macedo se pauta neste aspecto, mesmo quando conta histórias ficcionais, ele é impelido a inserir visões (reais) na trama. Ou mesmo o contrário, ele se vê na necessidade de criar uma ficção como pano de fundo para uma trama visionária e real (realidade extrassensorial). O artista visionário Herman Smorenburg (1958-), ao falar sobre inspiração e criatividade, descreve bem minha percepção quanto ao processo criativo de Macedo.

A palavra ‘inspiração’ se refere a ‘estar no espírito’. Alguém que é inspirado é aberto aos trabalhos de uma mente superior, aos sussurros de um Eu mais profundo. O artista visionário de inspiração direta pode ser surpreendido por uma onda de atividade interior durante o processo de inspiração, e recebe sua energia criativa toda de uma vez, na forma de imagens, músicas ou ideias. A linha que separa o mundo interior inconsciente e consciente do artista visionário é muito tênue e geralmente acompanhada de experiências intensas de atividade durante o sonho. Aqueles que são inspirados gradualmente, seguem um processo fascinante no qual operações mentais e espirituais combinam-se. (SMORENBURG, 2012, pg. 21)

A aliança entre mental, espiritual, energético e cósmico são características fundantes da Arte Visionária. Características essas, também imprescindível na obra de Sérgio Macedo. Dentre os autores de quadrinhos brasileiros, ele é, certamente, o pioneiro em aliar narrativas gráficas com estados não ordinários de consciência. É ainda o mais prolífico autor nacional de quadrinhos visionários, principalmente nos voltados a representações de visões de luz. Até mesmo é possível afirmar que Macedo é o autor de quadrinhos visionários mais importantes do país – embora não tenha publicado os principais livros aqui e atualmente residir fora do Brasil. Uma joia rara, como as que ele mesmo costuma retratar.

Bibliografia

- BRUVEL, G. *A arte do mítico*. Journal of Visionary Culture, Wappingers Falls, v. 7, n. 1 p. 86-91, 2012.
- CARUANA, L.. *O Primeiro Manifesto da Arte Visionária*. Curitiba: Ordem Rosacruz, 2013.
- GUERY, A.P. *Preface*. In: MACEDO, S.; GUERY, A.P.. *Voyage Intemporel*. Paris: AEDENA, 1987.
- KNELLER, G. F.. *Arte e ciência da criatividade*. São Paulo: IBRASA, 1978.
- LEWIS-WILLIAMS, J. D. *La mente en la caverna: la consciencia e las orígenes del arte*. Madrid: Akal Editor, 2005.

- MACEDO, S.; GUERY, A.P.. *Voyage Intemporel*. Paris: ÆDENA, 1987.
- MACEDO, S.. *Depoimento particular*. Correspondências por email, 2013. Entrevista concedida a Matheus Moura Silva.
- _____. *Depoimento particular*. Correspondências por email, 2014. Entrevista concedida a Matheus Moura Silva.
- _____. *Depoimento particular*. Correspondências por email, 2015. Entrevista concedida a Matheus Moura Silva.
- _____. *Depoimento particular*. Correspondências por email, 2016. Entrevista concedida a Matheus Moura Silva.
- _____. *O Karma de Gaargot*. São Paulo: Massao Ohno, 1973.
- _____. *Caraiibe*. Grenoble: GLENAT, 1981.
- _____. *Lakota: An Illustrated History*. Tucson: Treasure Chest Books, 1997.
- _____. *Xingu!*. São Paulo: Devir, 2007.
- _____. *Povos Indígenas em Quadrinhos*. Campinas: Zarabatana Books, 2012.
- _____. *Entrevista Sergio Macedo*. [Londrina]: Bigorna.net, 20 out. 2007. Entrevista concedida a Humberto Yashima.
- _____. *Artista Sergio Macedo*. [Belo Horizonte]: Alan Moore Senhor do Caos, 2007. Entrevista concedida a José Carlos Neves.
- _____. *Blytz 66'*. SOMA, São Paulo, sem data 1973. Sem Caderno, p. 12-13.
- _____. *Sytuação PsySOMAtica*. SOMA, São Paulo, sem data 1973. Editorial, p. 02.
- _____. *A arte de Sergio Macedo*. Planeta, São Paulo, v. 1, n. 5, p. 110-115, janeiro. 1975.
- MAY, R.. *A coragem de criar*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- MIKOSZ, J. E.. *A Arte Visionária e a Ayahuasca: Representações Visuais de Espirais e Vórtices Inspiradas nos Estados Não Ordinários de Consciência (ENOC)*. 2009. 291 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.
- OSTROWER, F.. *Criatividade e Processos de Criação*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1977.
- SALLES, C. A.. *Gesto Inacabado: processo de criação artística*. São Paulo: FAPESP: Annablume, 2009.
- SAGE, A.. *Relembrar Cósmico*. Journal of Visionary Culture, Wappingers Falls, v. 7, n. 1 p. 30-35, 2012.
- SMORENBURG, H.. *Arte da Inspiração*. Journal of Visionary Culture, Wappingers Falls, v. 7, n. 1 p. 16-21, 2012.
- WESTERMAN, F. R. C. *Afterword*. In: MACEDO, S. *Lakota: An Illustrated History*. Tucson: Treasure Chest Books, 1997, p. 54.